



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

CARLA COSTA DE BARROS

A INFLUÊNCIA DOS ASPECTOS AFETIVOS NA APRENDIZAGEM ESCOLAR

**CAMPINA GRANDE
2019**

CARLA COSTA DE BARROS

A INFLUÊNCIA DOS ASPECTOS AFETIVOS NA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Pedagogia.

Área de concentração: Ensino e Aprendizagem

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Wanderleia Farias Santos

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B277i Barros, Carla Costa de.
A influência dos aspectos afetivos na aprendizagem escolar [manuscrito] / Carla Costa de Barros. -2019.
22 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Wanderleia Farias Santos ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."
1. Aprendizagem escolar. 2. Afetividade. 3. Família. 4.
Processo ensino-aprendizagem. I. Título
21. ed. CDD 370

CARLA COSTA DE BARROS


A INFLUÊNCIA DOS ASPECTOS AFETIVOS NA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Pedagogia.

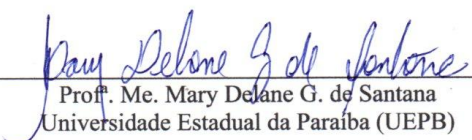
Área de concentração: Ensino e Aprendizagem

Aprovada em: 05/12/2019.

BANCA EXAMINADORA


Profª. Drª. Wanderleia Farias Santos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profª. Me. Kátia Farias De Antero
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profª. Me. Mary Delane G. de Santana
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”

Paulo Freire

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO-----	6
1.1. O Diagnóstico das Dificuldades de Aprendizagem – As Múltiplas Dimensões Envolvidas -----	9
1.2. Recursos do Ambiente Familiar Facilitadores do Desempenho Escolar -----	13
1.3. Relação Professor-Aluno no Processo de Aprendizagem -----	14
2. RESULTADOS E DISCUSSÕES -----	15
3. CONCLUSÃO -----	20
REFERÊNCIA.....	21

A INFLUÊNCIA DOS ASPECTOS AFETIVOS NA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Carla Costa de Barros

*

RESUMO

A afetividade é vista como a capacidade do indivíduo de experimentar um conjunto de fenômenos afetivos, como tendências, emoções, paixões e sentimentos. Diante disso, este trabalho tem como objetivo apresentar os aspectos afetivos como fatores que influenciam no desempenho e na aprendizagem escolar. De forma específica, esta proposta: expõe o conceito de afetividade; identifica os fatores que influenciam na aprendizagem; destaca a relação da família no processo de ensino-aprendizagem; reflete sobre as múltiplas dimensões envolvidas no diagnóstico das dificuldades de aprendizagem (fracasso escolar) e analisa a relação das crianças com elas mesmas e com os professores. Para isso, foi utilizada a pesquisa qualitativa, com ênfase na pesquisa de campo. Como procedimentos metodológicos utilizamos observações e entrevistas, com professores de duas escolas públicas da cidade de Campina Grande/PB. O referencial teórico utilizado foi Freire (1996), Jacob e Loureiro (1996), Maldonado (1997), Wallon (2007), Vigotsky (2001), dentre outros. Por fim, diante dos referenciais teóricos e da análise de entrevistas, ficou compreendido o quanto a afetividade entre os atores envolvidos na aprendizagem é de essencial importância no cotidiano escolar, sendo extremamente significativos no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem escolar. Família. Escola.

ABSTRACT

Affectivity is seen as the individual's ability to experience a set of affective phenomena, such as tendencies, emotions, passions, and feelings. Given this, this paper aims to present the affective aspects as factors that influence the performance and school learning. Specifically, this proposal: exposes the concept of affectivity; identifies the factors that influence learning; highlights the relationship of the family in the teaching-learning process; reflects on the multiple dimensions involved in the diagnosis of learning disabilities (school failure); and analyzes the children's relationship with themselves and their teachers. For this, was used a qualitative research, with emphasis on field research. As methodological procedures we used observations and interviews with teachers from two public schools in the city of Campina Grande / PB. The theoretical framework used was Freire (1996), Jacob and Loureiro (1996), Maldonado (1997), Wallon (2007), Vigotsky (2001), among others. Finally, considering the theoretical references and the analysis of interviews, it was understood how much the affectivity among the actors involved in learning is essential importance in everyday school life, being extremely significant in the teaching-learning process.

Keywords: Affectivity. School learning. Family. School

1. INTRODUÇÃO

A afetividade é a capacidade individual de experimentar um conjunto de fenômenos afetivos, tais como tendências comportamentais (simpatia, antipatia, comunicabilidade, hiperatividade etc), emoções, paixões e sentimentos (COSTA; SOUZA, 2009).

De acordo com Kochhann e Da Silva Rocha (2015), em pleno século XXI as escolas ainda rejeitam e oprimem sentimentos, levando em consideração apenas o cognitivo dos seus alunos, mas quando eles entram na escola não dissociam sentimentos como a alegria, o medo, a raiva, a tristeza, dentre outras emoções, sendo o afetivo e cognitivo questões indissociáveis.

Diante disso, faz-se importante o trabalho na sala de aula para minimizar os aspectos negativos e destruir as verdades incontestáveis sobre ensino-aprendizagem através do laço afetivo estabelecido entre professor e aluno (KOCHHANN; DA SILVA ROCHA, 2015). Logo, é preciso conhecer o aluno, fazendo com que ele interaja e expresse suas ideias, percebendo o interesse do professor por ele, fomentando o diálogo e a compreensão, despertando seu desejo pelo novo (KOCHHANN; DA SILVA ROCHA, 2015).

Diante desse pressuposto, a proposta deste trabalho é apresentar os aspectos afetivos como fatores que influenciam no desempenho escolar no contexto de duas Escolas Públicas Municipais da cidade de Campina Grande/PB, mostrando as múltiplas dimensões envolvidas no diagnóstico das dificuldades de aprendizagem, a influência da família sobre o aprendizado escolar, bem como a relação professor-aluno no processo de aprendizagem. Para o desenvolvimento do mesmo, foi feita uma pesquisa baseada em entrevistas com professoras dessas escolas. O intuito foi relacionar o que foi colhido em campo com a teoria, para assim verificar, em nossa pesquisa, se a afetividade estava presente ou não no ambiente escolar.

Assim, o objetivo geral deste trabalho foi observar os aspectos afetivos como influenciadores na aprendizagem escolar. A partir desse objetivo principal, este trabalho propõe os seguintes objetivos específicos:

- i. Expor o conceito de afetividade;
- ii. Identificar os fatores que influenciam na aprendizagem;
- iii. Destacar a relação da família no processo de ensino-aprendizagem;
- iv. Refletir sobre as múltiplas dimensões envolvidas no diagnóstico das dificuldades de aprendizagem (fracasso escolar) e;
- v. Analisar a relação das crianças com elas mesmas e com os professores.

Para cumprir com esses objetivos, a metodologia utilizada foi baseada em um estudo qualitativo por meio de observações e entrevistas feitas durante o estagio supervisionado com quatro professoras do Ensino Fundamental das escolas, onde as mesmas estão identificadas nos resultados e discussões como [P1], [P2], [P3] e [P4] o que significa (Professora 1, Professora 2 e assim por diante), além de um levantamento bibliográfico na área sobre afetividade e ensino-aprendizagem.

A pesquisa qualitativa possui algumas características básicas, sendo essas relacionadas (i) ao ambiente natural como sendo a fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; (ii) aos dados coletados que são predominantemente descritivos; (iii) a atenção especial do pesquisador ao significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida; e (iv) a análise dos dados que tende a seguir um processo indutivo (LUDKE; ANDRÉ; EDA, 2011). Na pesquisa qualitativa a entrevista é um dos métodos utilizados que se caracteriza como uma ferramenta não estruturada, dando a profundidade de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, seja do entrevistado como o que ocorre no contexto da situação vivenciada pelo pesquisador (MUYLEAERT, *et al.*, 2015). De acordo com Muylaert *et al.* (2015), “com base ideia de reconstruir acontecimentos sociais a partir do ponto de vista dos

informantes, a influência do entrevistador nas narrativas deve ser mínima”, empregando a comunicação cotidiana de contar e escutar histórias.

Diante disso, através da análise das respostas das entrevistas e do levantamento bibliográfico, foram realizadas associações entre as respostas que mais chamaram atenção e os conceitos estudados. As induções advindas desse processo resultaram no levantamento dos aspectos afetivos presentes no ambiente da escola estudada, onde envolveu a criança (como alunado), a família e a própria escola.

O trabalho está embasado a luz dos seguintes teóricos: Freire (1996), Jacob e Loureiro (1996), Maldonado (1997), Wallon (2007), Vigotsky (2001), dentre outros. Que nos ajudaram a compreender a análise dos dados. Espera-se que este trabalho possa contribuir para a melhoria do ensino-aprendizagem nas escolas de ensino fundamental, mais especificamente na cidade de Campina Grande/PB, como também trazer uma visão atual sobre os vínculos afetivos presentes no cotidiano escolar, sendo extremamente significativos na aprendizagem com ênfase na afetividade entre criança, família e escola.

Esta produção está estruturada em 4 (quatro) tópicos: No primeiro tópico consta a Introdução, onde sumariza a justificativa, objetivos e questões teóricas do mesmo. No segundo tópico há uma revisão da literatura onde aborda fatores da aprendizagem escolar que fundamentam a metodologia utilizada. O terceiro tópico apresenta os resultados das entrevistas e discussões acerca da pesquisa bibliográfica realizada. Por fim, o último tópico compreende a conclusão deste trabalho, seguido das referências utilizadas.

APRENDIZAGEM ESCOLAR – FATORES ENVOLVIDOS

A aprendizagem constitui o pensar, o sentir, o falar e o agir. Durante o processo de aprendizagem, o impedimento dessas ações acarreta em algumas dificuldades, podendo citar, como consequências, o atraso escolar e o baixo rendimento. Desse modo podemos citar dois fatores que influenciam nas condições e no processo de aprendizagem, como também no desenvolvimento das crianças, são eles: os fatores individuais que são representados pelos aspectos afetivos, cognitivos e biológicos, onde os mesmos são internos das crianças. E o outro fator envolvido são os fatores externos, sendo eles a família e a escola. Portanto podemos perceber que esses fatores influenciam no processo de aprendizagem de modo que tais fatores podem inibir ou estimular nas ações educativas, pois a valorização pelo meio ambiente e a própria criança, utilizando-se de certas estratégias, torna, então, favorável o processo de aprendizagem, dessa forma:

Analisando-se a diversidade de fatores associados ao aprender e as dificuldades presentes nesse processo, caracteriza-se uma situação complexa de interdependência, onde os recursos individuais e as condições do meio influenciam o processo de aprender e este como resultante influencia o desenvolvimento da criança e suas expectativas de realização (LOUREIRO, 2000, p. 82)

Henry Wallon (2007) é considerado o autor que investigou mais profundamente o tema da afetividade e sua contribuição para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, defendendo que a vida psíquica evolui a partir de três dimensões: motora, afetiva e psíquica, que coexistem, atua e se desenvolvem de forma integrada e, mesmo que em determinado momento uma dimensão pareça dominar, essa dominância se alterna e as conquistas ocorridas em uma são incorporadas às outras (WALLON, 2007). Para o mesmo autor, no processo de construção, tanto da pessoa, quanto do seu conhecimento, a dimensão afetiva ocupa um lugar central, onde a emoção é uma das dimensões da afetividade e

instrumento de sobrevivência inerente ao homem. Sua posição teórica era contrária à compreensão do humano de forma fragmentada. Nesse sentido, ele comenta:

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade. (WALLON, 2007, p. 198).

Wallon destaca que o desenvolvimento humano acontece em cinco estágios, nos quais são expressas as características de cada espécie e revelam todos os elementos que constituem a pessoa (WALLON, 2007):

1. Impulsivo-emocional (de 0 a 1 ano): onde o sujeito revela sua afetividade por meio de movimentos, do toque, numa comunicação não-verbal;
2. Sensorio-motor e projetivo (1 a 3 anos): a criança já fala e anda, tendo o seu interesse voltado para os objetos, para o exterior, para a exploração do meio;
3. Personalismo (3 a 6 anos): fase da diferenciação, da formação do “eu”, da descoberta de ser diferente do “outro”;
4. Categorical (6 a 10 anos): organização do mundo em categorias leva a um melhor entendimento das diferenças entre o “eu” e o “outro”;
5. Puberdade, adolescência (11 anos em diante): acontece uma nova crise de oposição, ou seja, o conflito eu-outro retorna, desta vez como busca de uma identidade autônoma, o que possibilita maior clareza de limites, de autonomia e de dependência. É nessa fase que o indivíduo se reconhece como ser único, com personalidade, com valores, com sentimentos.

Nesse sentido, podemos concordar com o autor ao perceber que em todos esses estágios a afetividade está presente, ora em grau maior, ora em grau menor, onde toda essa interação é fundamental para a formação do indivíduo nos âmbitos social, cultural e inserido no meio em que vive.

Vale ressaltar ainda que o autor, ao estudar o desenvolvimento humano, identificou que nesse processo, muito mais importante que o elemento da inteligência, é uma integrada atuação de três dimensões psíquicas: a motora, a afetiva e a cognitiva, sendo que a evolução ocorre quando há uma integração entre o equipamento orgânico da pessoa e o meio em que ela vive, responsável por auxiliar o desenvolvimento das potencialidades próprias de cada um (WALLON, 2007). Diante disso, fica claro que essa teoria veio colocar em cheque o ensino tradicional com todo o seu autoritarismo, pouca criatividade, demandando alunos cada vez mais passivos e sem personalidade. Ademais, considerando o seu caráter afetivo, social e político da educação, onde a escola busca levar o indivíduo a questionar sua realidade concreta e que muitas vezes necessita a busca por modificações. Essa mudança só é possível se a educação estiver voltada para a formação de indivíduos ativos, reflexivos e atuantes na construção de uma sociedade contextualizada. (BORBA, 2014)

Vygotsky (1989) contribuiu significativamente para os estudos desse tema e um dos conceitos centrais de sua teoria é o conceito de mediação. Ao invés da aprendizagem ser considerada um simples estímulo-resposta, ele defende a ideia de algo mais complexo o ato mediado. A mediação teria como característica a relação do homem com o mundo e com os outros homens, sendo através dessas relações que as funções psicológicas superiores que são especificamente humanas se desenvolvem. O autor defende que as aprendizagens se dão em forma de processos que incluem: a relação entre aquele que ensina e o que aprende, onde o meio cultural vai interferir no desenvolvimento interno do indivíduo. Nesse sentido ele começou a pensar no conceito de zona de desenvolvimento proximal: onde a criança, durante

todo o seu desenvolvimento, possui um nível de desenvolvimento real e um nível de desenvolvimento potencial. O real representa a capacidade que a criança tem de realizar tarefas sozinhas, independente. O potencial compreende sua capacidade de desempenhar tarefas com auxílio de adultos. A distância entre esses dois níveis é a zona de desenvolvimento proximal. (VIGOTSKY 1989, p.56-58)

Ao interferir na zona do desenvolvimento proximal, um educador estará contribuindo para movimentar os processos de desenvolvimento das funções mentais complexas da criança, onde a interferência é mais transformadora (NETO; BARRETO; AFECHE, 1998, p. 94). Sabemos que existem tarefas que a criança ainda não é capaz de realizar sozinha, porém se tiver uma pessoa que possa lhe oferecer ajuda algumas orientações, assistência ou demonstrações durante o processo ela será capaz de realiza-las.

De acordo com Vygotsky (1989):

[...] define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente (VYGOTSKY 1989, p. 97).

Diante disso fica nítido que o processo de ensino e aprendizagem na escola deve ser produzido tomando como ponto de partida o que a criança já sabe fazer e o ponto de chegada será sua relação com um conteúdo a ser desenvolvido, levando em consideração os objetivos estabelecidos pela escola adequados à faixa etária e ao nível de habilidades e conhecimentos de cada grupo de crianças.

Vale ressaltar ainda que o autor defende frequentemente a ideia de reelaboração, reconstrução por parte de indivíduo, dos significados que lhe são transmitidos pelo seu grupo cultural. Nesse sentido, Neto, Barreto e Afeche (1998) percebem que a interação entre os alunos também provoca intervenções no desenvolvimento das crianças, uma vez que os grupos sempre são heterogêneos, no que se refere ao conhecimento já aprendido nas mais diversas áreas. Assim, uma criança que esteja mais avançada num determinado assunto pode ajudar significativamente para o desenvolvimento das outras, onde essa criança também pode atuar como mediadora (NETO; BARRETO; AFECHE, 1998, p. 30).

Nesse sentido, podemos perceber o quanto esses fatores tanto internos como externos são importantes para o desenvolvimento da aprendizagem, de modo que a afetividade e a interação a todo o momento fazem parte desse processo.

1.1. O Diagnóstico das Dificuldades de Aprendizagem – As Múltiplas Dimensões Envolvidas

Como bem sabemos, a aprendizagem é um indicador do processo de desenvolvimento e para isso algumas dimensões devem ser consideradas, tais como: os afetos, as emoções, recursos naturais, recursos cognitivos e o significado do saber social que contextualizam as condições de aprendizagem e de desenvolvimento. Sendo assim o diagnóstico das dificuldades de aprendizagem compreendem essas dimensões citadas, como elementos que vão demonstrar o nível de aquisições que temos até o momento atual, onde os mesmos ajudam para possibilidades futuras. (JACOB; LOUREIRO, 1996, p. 151).

Guimarães (2009) afirma que no ambiente escolar essas múltiplas dimensões envolvem alguns fatores que devem ser considerados como, por exemplo, as condições do local, as condições pessoais de interação com o meio e as diferenças culturais, onde os mesmos irão favorecer ou dificultar as condições de aprendizagem. No que se refere às condições do local, vamos analisar os espaços que favorecem o desenvolvimento da

aprendizagem, trazendo uma reflexão sobre a qualidade dos espaços planejados para o trabalho educacional com crianças pequenas. Para que essa reflexão ocorra é preciso compreender o que é educação e como a organização dos espaços pode interferir na concretização dos projetos educacionais.

Guimarães (2009) fala em seu trabalho que se faz necessário compreender a educação não como uma repetição de padrões já existentes e sim como uma educação mobilizadora da capacidade da criança de produzir sentido sobre o mundo. Para isso é preciso levar em conta o incentivo às suas capacidades de criar cenas e narrativas, invenções de situações, diálogos com sua expressividade, dentre outras capacidades que ofereça a oportunidade da criança prosseguir, experimentar formas novas de relação, testar suas hipóteses e sustentar o que constroem.

Dito isto, fica claro a importância da compreensão do papel do espaço no apoio às manifestações expressivas das crianças, onde a existência de três ideias é a chave para tal compreensão, sendo: (i) a ideia da flexibilidade do espaço; (ii) a importância desse espaço apoiar os relacionamentos das crianças e, por último; (iii) o espaço como um convite à ação, à imaginação e à narrativa. (GUIMARÃES, 2009, p. 70)

O Espaço Flexível é fundamental para a criança, pois o tamanho de um espaço para a criança não tem relação só com a metragem dele, mas relaciona-se com a forma como este espaço é experimentado. Se numa casa com uma metragem pequena tiver a sensação de intimidade e segurança, tanto pela criança ou pelo adulto, pode ser sentida como se esse espaço possuísse maiores dimensões. Logo, o espaço habitado e o vivido podem ser transformados através de experiências, relações e criações. O espaço é algo projetado, o lugar é construído nas relações.

De acordo com os educadores de Reggio Children (1998), as crianças são nômades, transformadoras de espaços, móveis e materiais, usa de forma plástica o chão, as paredes, as cadeiras, fazendo pistas e demarcando territórios que se tornam locais diversos: um salão de beleza, casinha, castelã etc. Nessa perspectiva, é preciso refletir até que ponto abrimos espaços para a plasticidade, para a expansão criativa das crianças e para a recriação de regra, uma vez que se faz necessário os limites na conservação de objetos e necessidade de uma organização coletiva. Além disso, é importante refletir sobre a tensão entre regra e flexibilidade, como também o uso formal dos objetos e recriação de suas funções.

Outra ideia na compreensão do papel do espaço apoiando as manifestações expressivas das crianças é o Espaço Relacional. A respeito deste, o mesmo deve acolher e sustentar os relacionamentos entre as crianças, sem significar que, para acolher ou manter esse relacionamento entre as crianças, esse espaço deva ser apenas gentil, como também deve ser considerado o ambiente como um todo, ou seja, como esse espaço apoia os planos e as interações que nele se desenvolvem. Nesse sentido tudo deve ser levado em conta, desde as trocas até as pequenas brincadeiras, pois isso oportuniza a expressividade.

De acordo com os educadores de Reggio Children (1998):

As crianças e os adultos precisam pertencer a um grupo social para comparar ideias e dividir experiências com os outros. A proximidade cria vínculos que permitem cada um reconhecer a si e ao outro (...). Trata-se da comunidade como internalização do outro como um valor (...). Comunidade é uma qualidade do espaço que encoraja encontros, trocas, empatia e reciprocidade (REGGIO CHILDREN, 1998, p. 21).

Nesse sentido, acreditamos que o Espaço Relacional deve ser favorável para que as crianças tenham liberdade de expressão e de poder conhecer esse mundo novo onde estão situadas, que até então para elas era desconhecido. Diante disso, podemos presumir que o mesmo está conectado ao que Montessori (1987) defendia sobre espaço e aprendizagem, onde deve ser permitidos às crianças movimentos livres, pois isso vai ajudar no desenvolvimento

da independência e da iniciativa pessoal que irá ocorrer a partir do que esse espaço venha a oferecer para elas.

Sobre o Espaço Instigador, ele diz respeito a como as crianças usam o canal sensório no espaço e como a diversidade de formas, cores e texturas proporcionam na construção de cenários para as narrativas. Ainda é destacado que as percepções sensoriais são refinadas quando a criança pode explorá-las e expressá-las. Por isso que é essencial que haja uma diversidade no espaço, podendo assim fazer uso de materiais como canos de PVC, focos de luz, cones de plásticos e etc, para assim desenvolver o potencial sensível e construtivo das crianças. Nessa perspectiva, o espaço deve ser atrativo para dar lugar a ação e a imaginação das crianças, e o professor por sua vez assume o papel de cenógrafo, oportunizando que as mesmas criem as cenas.

Portanto fica compreendida a importância de serem trabalhadas as habilidades sensoriais dentro de um espaço que instigue a desenvolver tais habilidades, possibilitando esse desenvolvimento. Para isso, os professores devem ser mediadores dessa atividade, onde os mesmos devem apresentar os objetos às crianças, pois será através do contato que as mesmas vão explorar e compreender esse mundo, ao mesmo tempo em que observam como se dá essa relação dentro de determinado espaço.

Para interpretar melhor essa questão das dificuldades de aprendizagens estarem vinculadas aos aspectos afetivos, são apontados os estudos de alguns autores: Nunes (1990) apontado por Loureiro (2000, p. 85) diz que “estudando crianças na fase inicial da escolarização, observou uma relação significativa entre o fracasso escolar e o desamparo adquirido”. E outra observação feita por Marturano, Magna e Martha (1993) destacados por Loureiro (2000, p. 86) “analisando as queixas relativas a crianças encaminhadas para um serviço psicopedagógico, identificaram uma diversidade de problemas afetivos e comportamentais.” Desse modo percebemos que as dificuldades de aprendizagem podem advir de diversas condições envolvendo a criança, a família e a escola, mas na maioria das vezes estará associado a aspectos afetivos.

Nesta perspectiva de Weiss (2004, p. 16), ele afirma que: “Considera-se como fracasso escolar uma resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda da escola. Essa questão pode ser analisada e estudada por diferentes perspectivas: a da sociedade, a da escola e a do aluno”.

Concorda-se com suas palavras, pois para que se inicie uma análise sobre o fracasso escolar, faz-se necessário possui um olhar amplo no que se refere ao meio em que o aluno está inserido. Não se pode focar o fracasso escolar apenas sobre o aluno. Existe todo um contexto ao redor do mesmo e outras perspectivas que possibilitem este estudo, sendo elas a escola, a sociedade e também o aluno.

No que se refere à sociedade, precisa-se de uma visão mais ampla no intuito de compreender a relação do aluno a esta sociedade em que ele está inserido. Para isso, recomenda-se uma construção de conhecimento entre este e a realidade em que o mesmo está envolvido. Diante disso é possível questionar alguns pontos: Se existe uma preocupação com o conhecimento que ele traz de seu meio e se ele consegue relacionar esse conhecimento ao que foi historicamente construído através da História pelas sociedades que os antecederam.

Assim, torna-se importante situar esse meio, interagindo com o mesmo e proporcionando a fala desse sujeito, uma vez que essa apreensão pode ser um dos motivos desse fracasso escolar. Por outro lado, vale ressaltar ainda que existe uma interligação que precisa ser analisada. Nesse sentido, Weiss (2004) afirma ainda que:

No diagnóstico psicopedagógico do fracasso escolar de um aluno não se podem desconsiderar as relações significativas existentes entre a produção escolar e as oportunidades reais que determinada sociedade possibilita aos representantes das diversas classes sociais. Assim, alunos de escolas públicas brasileiras provenientes

das camadas de mais baixa renda da população são frequentemente incluídos em “classes escolares especiais”, considerados pertencentes ao grupo de possíveis “deficientes mentais”, com limites e problemas. (WEISS 2004, p.16).

Sobre a escola, a mesma é considerada um espaço cujo conhecimento historicamente produzido seria socializado entre as gerações, onde o sujeito fosse capaz de transformar essa sociedade quantas vezes fossem necessárias sempre com uma visão crítica da mesma. Porém, não é isso que se constata nos últimos anos, pois esse conhecimento permanece nas mãos das elites ao invés de está acessível para todos.

Entretanto, quando a Escola não consegue cumprir seus objetivos ou metas, não pode ocorrer uma análise de maneira isolada, pois a escola é o espaço onde se reflete a sociedade e quem transforma a escola é a sociedade.

Weiss (2004) foca na figura do mediador deste conhecimento em relação aos alunos:

Professores em escolas desestruturadas, sem apoio material e pedagógico, desqualificados pela sociedade, pelas famílias, pelos alunos não podem ocupar bem o lugar de quem ensina tornando o conhecimento desejável pelo aluno. É preciso que o professor competente e valorizado encontre o prazer de ensinar para que possibilite o nascimento do prazer de aprender. O ato de ensinar fica sempre comprometido com a construção do ato de aprender, faz parte de suas condições externas. A má qualidade do ensino provoca um desestímulo na busca do conhecimento. (WEISS 2004, p.16).

Nessa perspectiva, percebemos o quão necessário é compreender o contexto sociocultural, as características, visões e ações do mundo, inserindo o espaço escolar neste contexto para que possamos compreender de maneira global e relacional o fracasso escolar. Vale destacar que essa desestrutura que ocorre na esfera pública de ensino, também afeta o ensino privado.

Em se tratando da família, percebemos como ela é fundamental nessa análise em torno do fracasso escolar, pois as condições econômicas foram muito comprometidas nas últimas décadas com a globalização. As rendas achatadas, mais precisamente nas sociedades do terceiro mundo; os empregos reduzidos, a tecnologia avançando cada vez mais sobre os postos de trabalho que antes eram comandados pelos homens e, as classes menos favorecidas, gradativamente mais abaixo da linha da pobreza. Diante disso, essa família, inserida em todo esse contexto de sociedade, deposita seus sonhos, ambições e expectativas na escola. Assim, é nesse contexto familiar que surge o sujeito de toda essa discussão: a criança / aluno e consequentemente o paciente.

Nesse sentido, concordamos com Bazílio e Kramer (2003) quando destacam:

Se, agora, dirigirmos nosso olhar ao mundo que é dado às crianças, o que vemos? Falta de entendimento, ausência de escuta do outro, violência, destruição, morte. Observando o cotidiano no trabalho, na política, nas relações familiares, vemos falta de diálogo e de escuta do outro. Com frequência, falo de minha perplexidade e assombro diante da exclusão, da discriminação e da eliminação. (BAZILIO; KRAMER 2003, p. 92-93).

Infere-se que, em todo esse contexto, estão os alunos, as famílias, os professores e demais envolvidos no espaço escolar, com todas essas expectativas ali inseridas. Dentre elas, o fracasso escolar aparece hoje como um dos problemas mais discutido e estudado. Constata-se então que, na grande maioria das vezes, não se investiga o conjunto de ações que afetam o aluno, culpando-o apenas ele e concluindo que o mesmo não atende às expectativas, metas e objetivos pretendidos e devendo ele ser encaminhado para clínicas com o intuito de conseguir algum diagnóstico.

Entretanto é equivocado afirmar que o problema da aprendizagem está exclusivamente na criança ou na sua família. Se não levar em consideração a escola e a maneira que esta sendo realizada sua prática pedagógica, assim como a relação professor-aluno, a cobrança excessiva por parte da escola, como também a rotulação e humilhação existente que muitos passam no dia a dia, faz com que as crianças sejam rotuladas como portadoras de distúrbios ou deficiências.

Ademais, não se pode pensar na questão da aprendizagem sem pensar na qualidade de ensino, pois o ensino de qualidade é realizado, sobretudo, na relação entre educadores e educandos. Diante disso é perceptível que o fracasso escolar é produzido à muitas mãos, tornando-se muito cômodo para os que administram o sistema dizer que a explicação dos problemas de aprendizagem se esgota no aluno e em sua família, desviando a atenção da política educacional, onde há a má remuneração e a má formação de professores, a desvalorização profissional, e uma política que dá procedência às coisas em detrimento das pessoas.

Nessa perspectiva, fica compreendida a importância de se voltar para as escolas, para os psicólogos escolares e para pedagogos que colaboram com os professores na discussão e decisão sobre o que ensinar e como ensinar, pois a escola, por possuir uma natureza política, precisa estar a serviço da formação de cidadãos desejosos de igualdade e liberdade e capazes de reivindicá-las.

1.2. Recursos do Ambiente Familiar Facilitadores do Desempenho Escolar

De acordo com Marturano (1999), Recursos do ambiente familiar, facilitadores do desempenho escolar, têm sido considerados como relevantes para a aprendizagem escolar, onde podemos citar, como exemplos, a organização do ambiente físico e a disponibilidade de matérias educacionais. Jogos e materiais educativos variados, adequados ao nível de desenvolvimento da criança, potencializam as habilidades e aprendizagem cognitivas de conteúdos relevantes na escola. A presença de livros de consulta ou outros materiais de consulta em espaços próprios, favorece à criança nas suas lições de casa. Assim, não basta ter esse material em casa, é preciso tempo e disposição, por parte dos adultos, para interagir com as crianças, pois esses recursos do ambiente físico só facilitam a aprendizagem quando os pais funcionam como mediadores (MARTURANO, 1999, p. 191).

Marturano (1999), também destaca a importância do envolvimento dos pais no processo de desenvolvimento dos filhos, ao descrever que tal envolvimento perpassa pelo interesse ativo dos pais na criança, investindo em tempo disponível para fazer diversas atividades no cotidiano do seu lar, utilizando vários recursos na sua criação e educação. Também acrescenta que os pais fornecem os recursos emocionais essenciais ao desenvolvimento de um senso de competência, tanto quanto recursos mais concretos (MARTURANO, 1999, p. 135). Entre algumas atividades que os pais podem fazer com os seus filhos, pode-se evidenciar a leitura para a criança e a escuta da leitura, além de compartilhar atividades, assistir TV, supervisionar as atividades escolares, dentre outras. Tais atividades trazem efeitos positivos do envolvimento dos pais, facilitando no desenvolvimento cognitivo e metacognitivo. Também melhoram o desempenho escolar global, em matemática e linguagem e proporciona um maior envolvimento com atividades escolares com melhores ajustes em sala de aula.

É perceptível que quando existe uma boa conversação entre pais e filhos e o compartilhamento de atividades lúdicas como facilitadoras do desenvolvimento cognitivo e linguístico, esses fatores contribuem para o aprendizado escolar. Para que isso ocorra, existem algumas atividades estimuladoras que são: contar histórias para a criança, fazer uso de

palavras que a criança conhece ou está prestes a conhecer, formular e responder perguntas com disposição, entre outras. Um fator importantíssimo nessa interação é a reciprocidade, ou seja, está disposto para responder às iniciativas de contato da criança e não apenas conversar quando o adulto estiver interessado. Nesse sentido, o papel do adulto como mediador é imprescindível. É notório que o clima familiar positivo está entre as condições associadas ao desenvolvimento cognitivo, sendo muito importante quando os familiares apoiam uns aos outros. Nesse sentido, várias pesquisas já mostraram que crianças que vivem cercadas de adultos unidos, cooperativos e cordiais adquirem um melhor desempenho escolar. No tocante às práticas educativas e disciplina, percebemos dois pontos-chaves:

- a) O suporte à autonomia: ou seja, a estimulação dos pais no que se refere à independência e autonomia da criança para resolver seus problemas, contando sempre com o apoio e assistência que necessitar;
- b) A estruturação: importante no estabelecimento de alguns aspectos que permaneçam constantes na vida das crianças, como os horários, a rotina cotidiana e, em alguns momentos, certa novidade, ou seja, alguma atividade que a criança não espera, como um passeio, por exemplo.

Vale destacar ainda que pais afetuosos, controladores e que usam explicações para justificar as regras, contribuem para uma maior auto-regulação na escola, um melhor desempenho escolar e um ajustamento satisfatório em sala de aula.

1.3. Relação Professor-Aluno no Processo de Aprendizagem

Ao refletir sobre a relação professor – aluno no processo de aprendizagem é necessário compreender a importância da teoria e prática durante a formação do educador. O grande desafio nesse ponto é buscar formas e estratégias para efetivar a teoria adquirida na graduação, na prática em sala de aula. Para que isso ocorra, é imprescindível que o professor enfatize as teorias pedagógicas necessárias para socializar em sala de aula, sempre levando em consideração a realidade dos alunos. Dessa forma a aprendizagem ocorre de maneira significativa entre os educandos e o professor, vivenciando uma relação dialética de ensino, mediada pela criatividade, criticidade e diálogo postos em sala de aula.

Nesse sentido, Freire (1996) destaca que:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar (FREIRE, 1996, p. 23).

Conforme o mesmo autor, o ato de ensinar consiste numa ação prática e, ao mesmo tempo, reflexiva. Ao ensinar, estamos constantemente aprendendo, configurando-se uma educação problematizadora, dialógica e democrática, se opondo veementemente da educação bancária. Essa última defende que o ato de ensinar consiste apenas na transmissão de conhecimento. Vale destacar que, quando estamos em sala de aula, vivendo a prática de ensinar a aprender, precisamos respeitar os princípios políticos, éticos e estéticos e que não existe ensino sem intencionalidade. Assim, os conteúdos não são neutros, necessitam de uma criticidade, uma análise de contexto, observância de como se estruturam e se situam, ajudando os educandos a se tornarem humanos cada vez mais humanos. Isso contribui com uma escola cada vez mais cidadã e democrática.

Quanto ao professor, ao interagir com as diversas dimensões profissionais e pessoais da profissão, acaba compondo um modo pessoal de ser professor. Essa identidade é uma mistura

de vontades, de gostos, experiências e de acasos que culminam com a consolidação de gestos, rotinas e comportamentos próprios. Cada um tem seu modo único de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de se dirigir aos alunos, da utilização dos meios pedagógicos, visto como um modo que constitui uma espécie de “segunda pele profissional”.

Para que ocorra uma aprendizagem efetiva, o professor tem um papel fundamental, exercendo a função de mediador das interações entre os alunos e destes com os objetos de conhecimento. Onde ele não ocupa um lugar central como detentor do saber, mas como um agente de interações entre os alunos e destes com o objeto de conhecimento.

A intervenção do professor no desenvolvimento da “zona de desenvolvimento proximal” dos alunos é, na maior parte, de responsabilidade do professor, uma vez que, por ter mais experiência, a transmissão de informações e da cultura deve ser repassada de modo desafiador no processo de ensino e aprendizagem e de desenvolvimento do aprendiz.

De acordo com Rego (2013):

“Nessa perspectiva, as demonstrações, explicações, justificativas abstrações e questionamentos do professor são fundamentais no processo educativo”, não para “dar sempre a resposta pronta”, mas, sobretudo, para promover situações que incentivem a curiosidade das crianças,” que possibilitem a troca de informações entre os alunos e que permitam o aprendizado das pontes de acesso ao conhecimento (REGO, 2013, p. 115).

Sabemos que a escola é o primeiro lugar onde a criança tem que conviver com pessoas que não possuem nenhum laço sanguíneo com a mesma. Nesse contexto, a criança é obrigada a se submeter a uma autoridade e a obedecer às regras. Por isso, se faz necessário não confundir autoridade com autoritarismo, visto que a autoridade tem a função de motivar, orientar e proporcionar um clima prazeroso no ambiente social seja dentro ou fora do trabalho. Já o autoritarismo ocorre quando uma pessoa que ocupa um patamar hierárquico mais elevado usa de seu *status* de autoridade para impor aos outros as normas que devem ser obedecidas.

Para tanto, é necessário que o ponto de partida seja o nível efetivo da criança, seu conhecimento, crenças e opiniões a respeito do mundo e da realidade que ela está inserida. É preciso que haja uma relação aberta com a criança, na qual o diálogo seja um permanente espaço de expressão do saber. Assim, se o intuito é fazer com que os alunos aprendam de maneira mais eficaz, é imprescindível que o professor desenvolva maneiras de estimular, de forma afetiva, o seu aluno, fazendo com que o mesmo se sinta motivado a aprender, estabelecendo uma relação cooperativa e, com isso, os conteúdos serão lembrados por estarem carregados de emoções, evitando bloqueios afetivos e cognitivos.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante da metodologia adotada, explicada anteriormente na Introdução, à pesquisa se deu por meio de entrevistas que foram realizadas com quatro professoras de duas Escolas Municipais de Campina Grande – PB, todas lecionando no nível Fundamental. A primeira Escola pesquisada é composta por três (03) salas de aula; dois (02) banheiros para os alunos (masculino/feminino) e um (01) banheiro para funcionários. Possui uma sala improvisada para leitura; uma sala para a gestora e a secretária; cozinha; pátio; dispensa e depósito.

O corpo docente da escola é composto por quatro (04) professoras no turno da manhã, distribuídas para o pré-escolar II, 3º, 4º e o 5º ano. E por quatro (04) no turno da tarde, que atendem ao pré-escolar I, 1º, 2º e 3º ano. Porém, um professor está com readaptação de função. Ainda referente ao corpo docente, a escola agrega ao seu quadro de funcionários um professor de Educação Física. O corpo discente é constituído por 202 alunos, sendo a maioria

de baixa renda, porém, nem todos participam do programa do Bolsa Família. A equipe de apoio é constituída por uma (01) secretária, duas (02) merendeiras, duas (02) auxiliares de serviço, quatro (03) vigias distribuídos entre os turnos. Já o corpo técnico administrativo da escola é composto pela Gestora e a Supervisora.

No que se refere ao planejamento escolar, o mesmo é realizado bimestralmente, geralmente ocorre ou no final do expediente ou aos sábados. Em relação ao Projeto Político Pedagógico (PPP), está passando por uma fase de atualização com apoio da Secretaria de Educação e segundo a Gestora falta a reunião com os pais para a realização de uma discussão sobre o projeto.

A segunda escola é composta por quatro (04) salas de aula; dois (02) banheiros para os alunos (masculino/feminino) e um (01) banheiro para funcionários. Possui uma área recreativa, uma sala de informática, uma sala de reunião, biblioteca, secretaria, refeitório e cozinha.

O corpo docente é composto por quatro (04) professores no turno da manhã e quatro (04) no turno da tarde, um professor de Educação física. O corpo discente é constituído por 228 alunos, sendo a maioria de baixa renda. No que se refere à equipe de apoio é constituída por uma (01) secretária, duas (02) merendeiras, duas (02) auxiliares de serviço e dois (02) vigias. Sobre o corpo técnico administrativo da escola é composto pela Gestora e uma técnica.

Em relação ao planejamento, a Secretaria de Educação do Município – SEDUC elabora um calendário escolar de forma que cada bimestre se destina a um tema gerador. A equipe técnica, junto com a direção e professores, se reúne para o planejamento bimestral, que sempre é realizado em uma das escolas.

De acordo com o PPP da escola, em sua justificativa é destacado que as formas de organização de ensino devem estar pautadas nas diretrizes nacionais emanadas pela LDB 9394/96, no Conselho Nacional de Educação, nos Referenciais Curriculares Nacionais, nas diretrizes locais originadas do Conselho de Educação e Secretaria de Educação do Município. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) recomendam a organização em ciclos, valendo-se entre outros do argumento e reconhecimento de que tal proposta permite recompensar a pressão do tempo que é inerente a instituição escolar, possibilitando distribuir os conteúdos de forma adequada à natureza do processo de aprendizagem.

A entrevista foi realizada durante o estágio supervisionado com as quatro professoras, de cada pergunta feita, dentre as respostas obtidas foi destacada e analisada a que mais chamou atenção. Seu roteiro foi composto por seis perguntas que levantaram questões relacionadas ao ensino-aprendizagem das crianças, a relação família-escola, a importância da relação entre professor-aluno e da participação da família e das relações afetivas observadas pelas professoras. Após as entrevistas, associamos os resultados obtidos com os referenciais teóricos que serviram para embasar o decorrer da pesquisa. Abaixo, os quadros exibem as respostas obtidas juntamente com a discussão embasada na pesquisa bibliográfica.

1. Como você observa as influências dos fatores externos no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças?

(R).: *“A gente percebe que quando a família é desestruturada há interferência direta no comportamento das crianças, também quando falta afeto em casa, levam as crianças a passar muito tempo na rua, além de observarmos que a relação com outras crianças não é muito boa, age com agressividade com os colegas.”* [P3]

Primeiramente foi perguntado as professoras observavam as influências dos fatores externos no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, uma delas respondeu

que percebe quando a família é desestruturada e que isso influencia diretamente no comportamento das crianças. Falou também sobre a falta de afeto em casa e observa que alguns agem com agressividade com os outros colegas. Mesmo sem fazer uma relação direta com a teoria do desenvolvimento e a relação afetiva, a professora percebeu que o clima familiar está entre as condições associadas ao desenvolvimento cognitivo da criança. União, boa convivência com os familiares, aspectos que permanecem constantes na rotina da criança, como horários, tarefas cotidianas etc., contribui diretamente para o processo de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, Maldonado (1997) alerta: “Por falta de um contato mais próximo e afetuoso, surgem as condutas caóticas e desordenadas, que se reflete em casa e quase sempre, também na escola em termos de indisciplina e de baixo rendimento escolar.” (MALDONADO, 1997, p. 11).

Quando se verifica que um lar é deficiente e mal estruturado, tanto economicamente quanto socialmente, esse desequilíbrio favorece um mal desempenho escolar das crianças. De certa maneira a escola é afetada - quando algo não vai bem no ambiente familiar, entende-se que a família possui um papel decisivo na educação das criança, com absorção de valores éticos e humanitários - e as crianças que percebem seus pais acompanharem de perto o seu rendimento, tendem a se sentir mais seguras e, conseqüentemente, apresentam um melhor desempenho nas atividades escolares.

2. Como se dá a relação família - escola?

R.: *“Nós temos uma boa relação, os familiares são participativos, se envolvem bastante com os projetos, reuniões, tem compromisso em trazer as crianças, obedecem aos horários de entrada e saída.”* [P1]

Ao questionarmos a respeito da relação família-escola uma das professoras disse que a relação é satisfatória, que os pais se envolvem com os projetos e reuniões, além do compromisso com os horários da instituição de ensino. Diante da resposta, percebemos que Reis (2007) destaca: “A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida à escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos.” (REIS, 2007, p.6)

Diante do que diz a autora, quando a família e a escola possui o mesmo objetivo e compartilham os mesmos ideais, superando conflitos e dificuldades, isso pode atingir os profissionais da escola, quanto os alunos e suas famílias de forma positiva. Compreende-se então que, em qualquer trabalho educativo, faz-se necessário uma boa relação entre a família e a escola. Essa última, exercendo sua função educativa junto aos pais, informa e orienta com a finalidade de reciprocidade entre família e escola, proporcionando, assim, um bom desempenho escolar e social às crianças.

3. A relação familiar reflete no desenvolvimento da criança?

R.: *“Com certeza, quando a família é presente fazendo a sua parte, o desenvolvimento da criança acontece com mais facilidade, além do mais nenhuma criança se desenvolve no mesmo momento, os ritmos são diferentes.”* [P4]

Ao indagar se a relação familiar reflete no desenvolvimento da criança, a participante em questão afirmou que quando a família é presente, fazendo a sua parte, o desenvolvimento da criança acontece com mais fluidez, e que cada criança tem seu ritmo de desenvolvimento, o que a torna única. Nesse sentido, Ferreira e Barrera (2010) destacam:

As práticas familiares, por sua vez, podem incidir num bom rendimento escolar da criança, na medida em que os pais demonstram interesse pelas atividades e pelos conteúdos escolares. É importante que a criança sinta que a família valoriza e se preocupa com a sua aprendizagem, estimulando-a na realização das demandas escolares, como a frequência à escola e a realização dos deveres de casa, por exemplo. (FERREIRA E BARRERA 2010, p. 469).

Por conseguinte, Lopes (2011) acrescenta:

[...] participação dos pais na educação formal dos filhos deve se proceder da maneira constante e consciente, integrando-se ao processo educacional, participando ativamente das atividades da escola. Essa interação só tem a enriquecer e facilitar o desempenho escolar da criança. (LOPES, 2011, p.4)

De acordo com os autores acima citados, é muito relevante para que os alunos tenham um desempenho escolar significativo à participação dos pais na educação dos filhos, contribuindo assim para uma estabilidade emocional. Com essa atuação ativa da família na vida acadêmica do aluno, os pais externalizam sensibilidade às necessidades dos seus filhos, auxiliando que a aprendizagem ocorra de maneira prazerosa. Nesse sentido, Marturano (1999) complementa a reflexão do quanto às condições presentes no ambiente familiar são relevantes para a aprendizagem escolar, uma vez que os pais vão funcionar como mediadores e sempre valorizarem as ações das crianças. Isso porque, a partir do momento que os mesmos leem em casa para seus filhos, mostram interesse pelo o que os seus filhos estão aprendendo e realmente se envolvem e acompanham suas atividades da escola, sendo importante para o desenvolvimento da criança. Ainda se pode destacar que quanto menos atividades compartilhadas com os pais, maior será o atraso dessas crianças. Desse modo, podemos entender que as crianças mais atrasadas na escola são as que recebem menos supervisão dos pais.

4. Qual a importância da relação afetiva entre professor e aluno?

R.: *“É um ponto a se destacar. Acredito ser definitiva para que ocorra essa aprendizagem, deve existir uma relação de confiança para que a criança se sinta capaz de fazer algo, o respeito entre professor e aluno, para que aja uma boa convivência precisa da interação e da afetividade. Essa interação e afeto são fundamentais para o desenvolvimento tanto falado em Vygotsky e Wallon.”* [P2]

Ao abordarmos sobre a importância da relação afetiva entre professor e aluno, uma das respostas falou que se faz necessário uma relação de confiança para que o aluno se sinta capaz de fazer algo, enfatizando o respeito entre professor-aluno para uma boa convivência, havendo interação e afetividade, citando autores como Vygotsky e Wallon. Nessa perspectiva Vygotsky (2010) ressalta:

As emoções são esse organizador interno das nossas reações, que retesam, excitam, estimulam ou inibem essas ou aquelas reações. Desse modo, a emoção mantém seu papel de organizador interno do nosso comportamento. VYGOTSKY (2010, p. 139)

Conforme explana o autor, percebe-se que as reações emocionais influenciam significativamente, tanto no comportamento, quanto nos momentos do processo educativo. Se o intuito é fazer com que os alunos aprendam de maneira mais eficaz, é imprescindível que o professor desenvolva maneiras de estimular de forma afetiva o seu aluno, fazendo com que o mesmo se sinta motivado a aprender, estabelecendo uma relação cooperativa e, com isso, os

conteúdos serão lembrados por estarem carregados de emoções, evitando bloqueios afetivos e cognitivos.

5. Qual a importância do acompanhamento da família para o processo de ensino-aprendizagem?

R.: *“Quando a família acompanha a criança se desenvolve de forma significativa dentro do processo de ensino e aprendizagem.”* [P3]

Ao argumentar sobre a importância do acompanhamento da família para o processo de ensino-aprendizagem, uma das respondentes disse, em outras palavras, que o processo de ensino e aprendizagem se faz efetivo quando há o acompanhamento da família nas atividades que a criança exerce. No que se refere a esse acompanhamento, Medeiros (2017) acrescenta:

É necessário que os pais ou responsáveis pelas crianças demonstrem interesse por tudo que se diz respeito à escola do filho. O acompanhamento dos pais/responsáveis deve ser contínuo e de forma consciente no processo educacional, participando ativamente nas atividades escolares. Essa parceria só tem a enriquecer e facilitar o desempenho escolar da criança (MEDEIROS, 2017, p.24).

Assim, se verifica que a resposta condiz com o que autor fala, pois quando existe uma participação efetiva dos pais na vida escolar dos filhos, o desenvolvimento intelectual deles é afetado positivamente, melhorando o processo de ensino-aprendizagem. Isso, como consequência, ajuda a criar um ambiente harmonioso com a comunidade educativa. Ademais, na medida em que os pais demonstram esse interesse, cabe à escola oferecer estratégias de aproximação para que essa relação se torne efetiva. Nesse sentido, Marturano (1999) também destaca a importância desse acompanhamento quando defende que a organização do ambiente físico (ambientes seguros e calmos, que permitem à criança se concentrar ao fazer suas atividades), a disponibilidade de materiais educacionais (presença de livros, jogos, espaços adequados para realização das atividades), o envolvimento e interação dos pais no processo, a interação entre pais e filhos (ler para criança, compartilhar atividades de lazer, perguntar como vai na escola, agindo como mediadores com tempo e disposição para interagir com os filhos), o clima emocional positivo, dentre outros fatores, todos contribuem de forma eficaz e positiva para o processo de ensino e aprendizagem das crianças.

6. As relações afetivas influenciam no processo de ensino e aprendizagem?

R.: *“Sim, de forma que tanto o professor ganha quanto o aluno, pois o sucesso de um depende do outro.”* [P1]

Ao perguntar se as relações afetivas influenciam no processo de ensino e aprendizagem, uma das respostas diz respeito ao resultado da influência dessa relação, onde todos ganham, tanto o professor quanto o aluno, onde um depende do outro. Tal como explana Freire (1996) ao dizer que o professor aprende ao ensinar e o aluno se torna capaz de ensinar uma vez que conclui o aprendizado. Ademais, sobre essa questão, Costa e Souza (2006) diz:

A afetividade no processo educativo é importante para que a criança manipule a realidade e estimule a função simbólica. Afetividade está ligada à auto-estima e às formas de relacionamento entre aluno e aluno e professor e aluno. Um professor que não seja afetivo com seus alunos fabricará uma distância perigosa, criará bloqueios

com os alunos e deixará de estar criando um ambiente rico em afetividade (COSTA; SOUZA, 2006, p. 12).

De acordo com as autoras, conclui-se que o ensino flui de maneira natural quando o aluno se encontra em um local afetivo, fazendo com que ele se sinta mais confiante, seguro e se identifique como pertencente a esse local. Isso fomenta a liberdade de se expor, onde o professor consegue auxiliá-lo, mediando o processo de ensino-aprendizagem e reconhecendo seus erros, por meio do diálogo. Quando ocorre a falta de afetividade nessa relação, pode ocorrer rejeição aos livros, carência de motivação para a aprendizagem, antipatia com o próprio professor e com o conteúdo que o mesmo ministra. Diante disso, cabe ao professor desenvolver essas relações de afeto.

Diante disso fica explícito o quanto a afetividade entre os atores envolvidos na aprendizagem é de essencial importância. De acordo com Costa e Sousa (2009), ao citar Piaget, o desenvolvimento cognitivo resulta da interação entre a criança e as pessoas com quem ela mantém contatos regulares - no caso da escola: os alunos e os professores. Durante toda sua escolarização, várias interações ocorrem e a afetividade está sempre presente, sendo considerado como um aspecto facilitador para desenvolvimento de sua aprendizagem.

Podemos perceber, então, o quanto é importante à participação da família para o desenvolvimento das crianças, que os vínculos afetivos estão presentes durante o cotidiano escolar e como a relação afetiva professor-aluno é significativa no processo de ensino-aprendizagem.

3. CONCLUSÃO

Diante dos referenciais teóricos e da análise da entrevista, podemos perceber que a criança, ao ingressar na escola, está entrando em um mundo novo, iniciando novas experiências e carregando muitas expectativas sobre a escola e sobre ela mesma. Sendo assim, ela precisa se sentir acolhida, como também visualizar a participação e o interesse de sua família durante todo o processo de ensino-aprendizagem.

Entende-se que, se um lar é deficiente e/ou mal estruturado, tanto economicamente quanto socialmente, esse desequilíbrio favorece um mau desempenho escolar nas crianças. Assim, a família possui um papel decisivo na educação da criança, com absorção de valores éticos e humanitários e as crianças, que percebem que seus pais acompanham de perto o seu rendimento, tendem a se sentir mais seguras, contribuindo assim para uma estabilidade emocional e, conseqüentemente, apresentam um melhor desempenho nas atividades escolares. Além disso, quando a família e a escola possui o mesmo objetivo de educar, elas precisam compartilhar os mesmos ideais, superando conflitos e dificuldades, sabemos que em qualquer trabalho educativo, faz-se necessário uma boa relação entre a família e a escola.

Compreende-se ainda que, por meio deste trabalho, a relação professor-aluno permite que os alunos aprendam de maneira mais eficaz, sendo imprescindível que o professor desenvolva maneiras de estimular de forma afetiva o seu aluno, fazendo com que o mesmo se sinta motivado a aprender. Diante disso, se faz necessário que ambos estabeleçam uma relação cooperativa e, com isso, os conteúdos poderão ser lembrados pelos alunos, por estarem eles carregados de emoções, evitando bloqueios afetivos e cognitivos. Nesse sentido, o ensino flui de maneira natural quando o aluno se encontra em um local afetivo, isso o estimula a se sentir mais confiante e seguro, sendo ele identificado como pertencente a esse local, com liberdade de se expor. O professor, por sua vez, conseguirá auxiliá-lo, mediando o processo de ensino e aprendizagem, reconhecendo seus erros por meio do diálogo.

Diante disso, é possível evidenciar o quanto a afetividade entre os atores envolvidos na aprendizagem é de essencial importância, que os vínculos afetivos estão, de fato, presentes

durante o cotidiano escolar, sendo extremamente significativos no processo de ensino-aprendizagem considerado eficaz.

REFERÊNCIAS

- BAZÍLIO, L. C.; KRAMER, S. **Infância, educação e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BORBA, A. R. da S. **A importância da afetividade na aprendizagem**. 2014. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.
- COSTA, K. S. da; SOUZA, R. K. M. de. **O Aspecto Sócio-Afetivo no Processo Ensino-Aprendizagem na Visão de Piaget, Vygotsky e Wallon**. 2004. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/281252023/o-Aspecto-Socio-Afetivo-No-Processo-Ensino-Aprendizagem-Na-Visao-de-Piaget-Vygotsky-e-Wallon>>. Acessado em 10 de maio 2019.
- FERREIRA, S. H. de A; BARRERA, S. D. **Ambiente familiar e aprendizagem escolar em alunos da educação infantil**. Psico: São Paulo, v. 41, n. 4, pp. 462-472, out./dez. 2010.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. - São Paulo: Paz e Terra, 1996. - (Coleção Leitura).
- GUIMARÃES, D. de O. **Educação Infantil: espaços e experiências**, 2013. Disponível em <<https://blogproinfanciabahia.files.wordpress.com/2013/03/guimaraes.pdf>> Acessado em 10 de maio de 2019.
- JACOB, A. V.; LOUREIRO, S. R. **Desenvolvimento afetivo - o processo de aprendizagem e o atraso escolar**. Paidéia (Ribeirão Preto), n. 10-11, p. 149-160, 1996. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/n10-11/11.pdf>> Acessado em 10 de maio de 2019.
- MUYLAERT, C. J. et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. São Paulo: Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 48, p. 184-189, 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342014000800184&script=sci_arttext&tlng=pt> Acessado em 16 de dezembro de 2019.
- LOPES, R. da C. de A.; **A importância da participação dos pais na vida escolar dos filhos**. Universidade federal de Tocantins, 2011. Disponível em <[file:///C:/Users/eirat/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/TCC_Rosinete_11-11_1_d_1_1_%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/eirat/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/TCC_Rosinete_11-11_1_d_1_1_%20(1).pdf)> Acessado em 14 de novembro de 2019.
- LOUREIRO, S. R. **Aprendizagem escolar: avaliação de aspectos afetivos**. In: Problemas de Aprendizagem. Campinas, SP: Editora Alínea, 2000.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MALDONADO, M. T. **Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir**. São Paulo: Saraiva, 1997.
- MARTURANO, E. M. **Recursos no Ambiente Familiar e Dificuldades de Aprendizagem na Escola**. In: Psicologia: Teoria e Pesquisa. Ribeirão Preto - SP, 1999. Mai-Ago 1999, Vol. 15 n. 2, pp. 135-142.
- MEDEIROS, C. S. de. **Família: Sua importância no âmbito escolar**. Caicó: URFN, 2017. 48F. Disponível em <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/4167/1/Família_Monografia_Medeiros.pdf> Acessado em 16 de dezembro de 2019.
- MONTESSORI, M. **Pedagogia Científica: a descoberta da criança**. São Paulo: Flanboyant. 1965, 309 pgs.

- MONTESSORI, M.; SILVEIRA, P. da. **Mente absorvente**. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1987.
- MUYLAERT, C. J. *et al.* **Entrevistas narrativas**: um importante recurso em pesquisa qualitativa. São Paulo: Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 48, p. 184-189, 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342014000800184&script=sci_arttext&tlng=pt Acessado em 16 de dezembro de 2019.
- VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- REGGIO CHILDREN. **Children, Spaces, Relations** – metaproject for a enviroment for Young children. 1998. Disponível em <https://ilk.media.mit.edu/courses/readings/reggio.pdf> Acessado em 16 de dezembro de 2019.
- REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis - RJ: Vozes, 1995.
- REIS, R. P. In. Mundo Jovem, nº. 373. fev. 2007, p.6.
- TARGINO, M. de L. S. **Psicologia da aprendizagem**. Licenciatura em Letras - Português. Pró- Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância. Campina Grande: EDUEPB, 2013.
- VIGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- WALLON, H. **Do ato ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008.
- WALLON, H.; CARVALHO, C. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica – uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

AGRADECIMENTOS

Agradecer em primeiro lugar a Deus, por ter me dado forças para não desistir, mesmo diante de tantas dificuldades, crises de choro, noites em claro. Por ter segurado a minha mão em toda caminhada.

À minha família, por ser minha base. Em especial aos meus pais e meus irmãos que fizeram o possível e o impossível para que eu chegasse até aqui. Tudo que sou, devo a vocês.

À minha orientadora e amiga Wanderleia Farias Santos, por ter contribuído significativamente com meu aprendizado, por ter me encantado desde a primeira vez que a vi, exemplo de profissional e mãe. Uma referencia para mim.

Aos meus amigos por toda força e atenção que tiveram comigo, em especial a Manasses Santos, Michele Santos e Narallyne Maciel que são anjos de Deus em minha vida. Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram para a concretização desse sonho.